

O BRASIL INVISÍVEL E A VISIBILIDADE DOS EMPREGADOS DA CAIXA

Os últimos meses foram marcados pela crise causada com a pandemia do coronavírus, que prossegue, e pela “descoberta”, por parte do governo federal, de um Brasil repleto de cidadãos “invisíveis”: sem recursos, sem conta bancária, sem cadastros. Milhões de pessoas que, diariamente, se aglomeram nas agências da Caixa – principal banco público do País – à espera do Auxílio Emergencial.

Até agora, estima-se que mais de 120 milhões de brasileiros já procuraram o banco em busca deste Auxílio e para saques do FGTS. Para atender a um contingente que é mais da metade da população do País, a instituição colocou em ação toda sua **expertise** acumulada em 159 anos de existência. Criou aplicativo, conta digital, ampliou horários e, especialmente, mandou para a linha de frente seu grande trunfo para dar conta da iniciativa: os empregados.

Expostos à doença de forma exponencial por conta das aglomerações (apesar da adoção de medidas protetivas negociadas com os movimentos de representação), eles se desdobram a cada dia, inclusive com trabalho nos fins de semana, para poder garantir que a população de “invisíveis” tenha algum recurso para sobreviver durante esses meses. Com isso, já passa de uma centena o total de empregados do banco e prestadores de serviços com Covid-19 e, infelizmente, há também a ocorrência de mortes causadas pela doença.

Mesmo assim, com jornadas maiores e pressão elevadíssima, angustiados pelo medo da doença e de levá-la para seus familiares, muitas vezes os empregados são alvo de críticas e ofensas indevidas pelas falhas no sistema de pagamento e por pressões absurdas da direção do banco, que passa por cima de direitos e de garantias de saúde. No entanto, o que seria do País nesta calamidade se a Caixa não tivesse se mantido pública ao longo de tantos anos? Se seus empregados, de ontem e de hoje, ao lado das entidades que os representam, não lutassesem para impedir a venda e a privatização da instituição, quem, neste momento, estaria efetuando tão árdua tarefa?

Os bancos privados, sabemos, não têm interesse nem qualificação para tanto. Assim como os bancários da Caixa estão superexpostos neste momento em que os “invisíveis” emergem, também fica transparente a importância de manutenção do banco público, ao contrário do que deseja o atual governo privatista. E, claro, da valorização destes empregados, cuja visibilidade precisa ocorrer para que a sociedade compreenda, de fato, a importância de manter bens, serviços e empresas cujo papel é atuar para melhorar a vida da maioria, sem ter no lucro a finalidade única.

Em defesa de condições dignas de trabalho e respeito aos empregados e prestadores de serviço.

Em defesa de atendimento digno à população.

Em defesa da Caixa Pública.

Comitê em defesa da Caixa.